

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA QUALITATIVA: CONCEITOS E APLICAÇÕES NA ÁREA DA SAÚDE

PARTICIPANT OBSERVATION IN QUALITATIVE RESEARCH: CONCEPTS AND APPLICATIONS IN HEALTH

*Danielle Teixeira Queiroz**

*Janaina Vall***

*Ângela Maria Alves e Souza****

*Neiva Francenely Cunha Vieira*****

RESUMO: Com o objetivo de entender a aplicação do método de observação participante nas pesquisas em saúde, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática e crítica das literaturas especializadas e publicadas sobre o tema, abordando linhas confrontantes de pensamento. Como resultado deste esforço, conclui-se que a observação participante é uma ferramenta importante para a construção do conhecimento nas pesquisas em saúde, principalmente na comunidade.

Palavras-chave: Observação participante; saúde; pesquisa qualitativa; revisão sistemática.

ABSTRACT: To understand the methodological application of participant observation in health research, we performed a systematic bibliographic review of the specialized literature on the theme, addressing conflicting lines of thought. As a result of this effort, we have found out that participant observation is an important tool in the construction of knowledge in health research, especially in the community.

Keywords: Participant observation; health; qualitative research; systematic review.

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento na área da saúde aumenta como resultado das pesquisas realizadas por vários profissionais, nos diversos campos dos saberes, específicos e complementares. Com a limitação do tecnicismo e das investigações de natureza quantitativa, cuja análise recai sobre a frequência positiva de repetição dos eventos observados na amostra (clientela), têm-se na pesquisa qualitativa outro modo de ver a realidade empírica, com relevância para os indicadores subjetivos.

A pesquisa qualitativa tem como foco de estudo o processo vivenciado pelos sujeitos. Assim, as investigações qualitativas crescem em número, como um outro modo de produção de conhecimento capaz de responder à necessidade de compreender em profundidade alguns fenômenos da prática de enfermagem, suprindo vazios deixados pela pesquisa positivista e seus métodos de coleta e análise de dados,

sendo uma referência para investigar contextos e realidades distintas^{1,2}.

A abordagem qualitativa teve origem no século XIX, na Alemanha, em razão da necessidade das ciências sociais para estudo dos fenômenos humanos. Sua realidade é construída a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo, cabendo ao pesquisador decifrar o significado da ação humana, e não apenas descrever os comportamentos³.

O eixo central do paradigma qualitativo encontra-se na condição humana de responder a estímulos externos de maneira seletiva. Tal seleção é influenciada pela forma na qual as pessoas definem e interpretam situações e acontecimentos. Ainda consoante à perspectiva de Santos³, o pressuposto principal dessa abordagem é que não há padrões formais ou conclusões definitivas, e que a incerteza faz parte de sua epistemologia.

As pesquisas qualitativas possuem características multimetodológicas, utilizando um número variado de métodos e instrumentos de coleta de dados. Entre os mais aplicados, estão a entrevista em profundidade (individual e grupal), a análise de documentos e a observação participante ou não⁴.

O ato de observar é um dos meios mais freqüentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações. Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade⁵. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados.

Observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso⁶. A observação torna-se uma técnica científica a partir do momento em que passa por sistematização, planejamento e controle da objetividade. O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos⁷. A observação ajuda muito o pesquisador e sua maior vantagem está relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato.

Não se trata apenas de ver, mas de examinar. Não se trata somente de entender, mas de auscultar. Trata-se também de ler documentos (livros, jornais, impressos diversos) na medida em que estes não somente nos informam dos resultados das observações e pesquisas feitas por outros, mas traduzem também a reação dos seus autores. Sendo assim, pode-se dizer que a observação é tão ampla e abrangente que, de uma forma ou de outra, utiliza todos os procedimentos de pesquisa^{5,25}.

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, principalmente com enfoque qualitativo, porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa⁸.

Não se pode observar, no entanto, tudo ao mesmo tempo, nem mesmo podem ser observadas muitas coisas ao mesmo tempo. Por isso uma das condições fundamentais de se observar adequadamente é limitar e definir com precisão os objetivos que se deseja alcançar. Isto assume tal importância na ciência, que se torna uma das condições imprescindíveis para garantir a validade da observação⁷.

Na pesquisa qualitativa, há diversos tipos de observação, entre as quais a observação assistemática ou não estruturada, a sistemática ou planejada, a individual ou em equipe, a em campo ou laboratório, a vinheta⁹, a militante⁴ e a observação participante. Essa última é o foco deste artigo.

Neste estudo, tem-se por objetivo criar uma base de conhecimento, reunindo referências teóricas acerca da técnica de observação participante, bem como estimular outros pesquisadores, que optam pela pesquisa qualitativa, a utilizarem essa técnica de coleta de dados a fim de auxiliar na condução de pesquisas e outras atividades especializadas nos cenários da prática clínica e educacional.

Quanto à metodologia, realizou-se busca documental, do tipo revisão de literatura, mediante a leitura sistemática e crítica de publicações do período de 1975 a 2005 que tratam do método da observação participante¹⁰. Além disso, foram identificadas as informações factuais e contraditórias dos documentos, enfatizando questões ou hipóteses de interesse, a partir de evidências que fundamentam afirmações e declarações dos autores estudados.

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A ÁREA DA SAÚDE

A observação participante foi introduzida pela Escola de Chicago, nos anos 1920, tendo sido duramente contestada pelos pesquisadores experimentais, e abandonada por décadas. Seu resgate atual, no entanto, auxilia nas descrições e interpretações de situações cada vez mais globais. Após sua recuperação, porém, o método é banalizado e utilizado de forma indiscriminada, sem o rigor metodológico que esse procedimento exige em relação à coleta, registro e interpretação pertinentes e coerentes com a realidade estudada. Em muitos casos, a observação participante passa a ser relacionada a interpretações meramente emotivas e deformações subjetivas e sem dados comprobatórios¹¹.

O antropólogo inglês Bronislaw Malinowski revolucionou a Antropologia nas três primeiras décadas do século XX, quando fez propostas referentes aos métodos de trabalho de campo, principalmente em relação à observação participante¹⁰. Um dos mais importantes de seus trabalhos foi o escrito em 1922, em que descreve sua inserção entre os nativos das Ilhas Trombiano, no Pacífico. Malinowski fundamenta sua descrição na necessidade de bagagem científica do estudioso, dos valores da

observação participante, das técnicas de coleta, ordenação e apresentação do que denomina de *evidências*. Segundo ele, toda a estrutura de uma sociedade encontra-se incorporada no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano¹².

Realizando um retrospecto da evolução histórica da observação participante, percebe-se que a proposta de Malinowski, em 1922, tem sido implementada à medida que o uso dessa técnica se tornou mais conhecida. É no universo científico que a construção sistemática da observação participante se torna cada vez mais evidente, uma vez que essa técnica modifica a ação do pesquisador que, ao integrar o grupo que vivencia a realidade social, propicia interações que contribuam para a mudança de comportamento do grupo observado de forma não intencional^{12,13}.

A técnica de observação participante caiu no esquecimento por alguns anos, até ser novamente introduzida no meio acadêmico na década de 1990, sendo, a partir de então, considerada um processo pelo qual a interação da teoria com a prática concorre para a transformação ou implementação do meio pesquisado.

Já outro autor¹⁴ refere que a observação participante apresenta muitas nuances em face de sua flexibilidade e seu objeto de estudo, bem como o objetivo da pesquisa determina seu tipo e metodologia.

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.

Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados. Para Morin¹⁵, o conhecimento é pertinente quando se é capaz de dar significado ao seu contexto global, ver o conjunto *complexus*. Assim, a pesquisa participante que valoriza a interação social deve ser compreendida como o exercício de conhecimento de uma parte com o todo e vice-versa que produz linguagem, cultura, regras e assim o efeito é ao mesmo tempo a causa. Outro princípio importante na observação é integrar o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento.

Desde a física quântica, chamam atenção os princípios da incerteza e da complementaridade e,

neles, a conexão entre consciência e realidade¹⁶. Como a observação participante refere-se a sujeitos sociais, não se pode deixar de considerar esses elementos, no processo de investigação, como resultado dos movimentos dos corpos humanos nas diversas vertentes de sua interação e, a partir daí, construir o *corpus* de conhecimento do objeto de estudo que é sempre carregado de incerteza.

Na observação participante, é preciso atentar para o aspecto ético e para o perfil íntimo das relações sociais, ao lado das tradições e costumes, o tom e a importância que lhes são atribuídos, as idéias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da totalidade de sua vida, verbalizados por eles próprios, mediante suas categorias de pensamento. Assim, é preciso observar o conjunto das regras formuladas ou implícitas nas atividades dos componentes de um grupo social. Também é necessário observar como essas regras são obedecidas ou transgredidas e como ocorrem os sentimentos de amizade, antipatia ou simpatia que permeiam os membros do grupo¹⁷.

Com o auxílio da observação participante, o pesquisador analisa a realidade social que o rodeia, tentando captar os conflitos e tensões existentes e identificar grupos sociais que têm em si a sensibilidade e motivação para as mudanças necessárias⁸.

Ainda, retornando aos pensamentos de Malinowski¹³, ao fazer referência à técnica de observação participante em estudo etnográfico, ele diz que não tem só que estender suas redes no lugar correto e esperar pelo que nelas cairá. Deve ser um caçador ativo e dirigir para elas a sua presa e segui-las até as suas tocas mais inacessíveis¹⁷.

Outros pesquisadores^{12,14} também se preocuparam em pensar procedimentos teoricamente fecundos na observação participante. Denzin, citado por Minayo¹², compara os *surveys* com o trabalho de campo, que inclui a observação participante, na qual o pesquisador está mais livre de prejuízos, uma vez que não é, necessariamente, prisioneiro de um instrumento rígido de coleta de dados à distância.

O método de observação participante, com apoio nos princípios da fenomenologia, dá ênfase à construção de um *modelo de ator*, formulada a partir da compreensão de suas estruturas de relevância e da cotidianidade compartilhada, nas quais se forja a biografia e se define a situação. O observador científico necessita de uma teoria que forneça um modelo do ator, o qual está orientado para agir num meio de objetos com características atribuídas ao senso comum. O observador precisa distinguir

racionalidades científicas, que usa para ordenar sua teoria e seus resultados, das racionalidades do senso comum que atribui aos atores estudados¹⁸.

Percebe-se, então, que, enquanto a Antropologia utiliza a observação participante como algo para desvendar redes mais complexas de relacionamentos do ser humano, de forma descritiva, a Fenomenologia procura estudar o senso comum, o cotidiano desse ser, com base em teorias compreensivas e/ou interpretativas preestabelecidas, que são levadas a campo para teste e comprovação ou falseamento¹¹.

ETAPAS NO PROCESSO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

O processo de observação participante segue algumas etapas essenciais. Na *primeira* delas, há a aproximação do pesquisador ao grupo social em estudo. Esse é um trabalho longo e difícil, pois o observador precisa trabalhar com as expectativas do grupo, além de se preocupar em destruir alguns bloqueios, como a desconfiança e a reticência do grupo. Nessa fase, é necessário que o pesquisador seja aceito em seu próprio papel, isto é, como alguém externo, interessado em realizar, juntamente com a população, um estudo. Diante disso, pode-se dizer que a verdadeira inserção implica uma tensão constante do pesquisador em razão do risco de identificação total com a problemática e o conflito de assegurar objetividade na coleta de dados⁸.

A inserção é o processo pelo qual o pesquisador procura atenuar a distância que o separa do grupo social com quem pretende trabalhar. Essa aproximação, que exige paciência e honestidade, é a condição inicial necessária para que o percurso da pesquisa possa, de fato, ser realizada de dentro do grupo com a participação de seus membros enquanto protagonistas e não simples objetos^{19:31}.

Já na *segunda* etapa, há o esforço do pesquisador em possuir uma visão de conjunto da comunidade objeto de estudo. Essa etapa pode ser operacionalizada com o auxílio de alguns elementos, como o estudo de documentos oficiais, reconstituição da história do grupo e do local, observação da vida cotidiana, identificação das instituições e formas de atividades econômicas, levantamento de pessoas-chave (conhecidas pelo grupo) e a realização de entrevistas não diretas com as pessoas que possam ajudar na compreensão da realidade. Os dados devem ser registrados imediatamente no diário de campo, para não haver

perda de informações relevantes e detalhadas sobre os dados observados. Caso não seja possível o registro imediato, sugere-se o uso do recurso de filmagens, fotos ou entrevista⁸.

Após a coleta dos dados, passa-se à *terceira* fase, na qual é preciso sistematizar e organizar os dados, o que corresponde a uma etapa difícil e delicada. A análise dos dados deve informar ao pesquisador a situação real do grupo e sobre a percepção que este possui de seu estado. Se todas essas etapas forem seguidas adequadamente, pode-se afirmar que o trabalho terá êxito, favorecendo o conhecimento da realidade social, bem como estimulando o crescimento do grupo de estudo por meio da auto-organização e conseqüente desenvolvimento de ações conscientes e criativas para a mudança social⁸.

Não há limite temporal e espacial para a observação participante, visto que as pesquisas qualitativas se caracterizam pela utilização de múltiplas formas de coleta de dados. O consumo de tempo, entretanto, só parece ser excessivo quando comparado ao despendido em pesquisas baseadas em aplicação coletiva de questionários e testes. Dessa forma, o consumo de tempo é inerente à necessidade de apreender os significados de fatos e comportamentos⁶.

Ross e Kyle¹⁸ preconizam, porém, que o período de permanência do observador em campo para estudos antropológicos e sociológicos deve ser de no mínimo seis meses, enquanto que para estudos na área de educação e saúde esse período pode variar entre seis semanas a três anos.

O tempo determinado para a saída do pesquisador do campo deve ser determinado pelo próprio objetivo do estudo, bem como pela saturação dos dados.

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO OBSERVADOR

Para a realização da observação participante, o pesquisador deve adquirir algumas habilidades e competências, tais como: ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos; ter sensibilidade para pessoas; ser um bom ouvinte; ter familiaridade com as questões investigadas, com preparação teórica sobre o objeto de estudo ou situação que será observada; ter flexibilidade para se adaptar a situações inesperadas; não ter pressa de adquirir padrões ou atribuir significado aos fenômenos observados; elaborar um plano sistemático e padronizado para observação e registro dos dados; ter habilidade em

aplicar instrumentos adequados para a coleta e apreensão dos dados; verificar e controlar os dados observados; e relacionar os conceitos e teorias científicas aos dados coletados²⁰.

Vale ressaltar um exemplo da aplicação dessas habilidades e competências na área da saúde. Haverroth²¹, em sua tese de doutorado, em 2004, pesquisou o contexto cultural nas doenças diarreicas, numa aldeia indígena no Estado de Rondônia, onde se inseriu na comunidade, no período de novembro de 2002 a maio de 2003. Primeiro ele estudou as características dessa tribo, sob o ponto de vista antropológico, ou seja, ele se familiarizou teoricamente com o seu objeto de estudo. Após essa etapa, ele foi a campo, e ficou alojado nos postos de saúde locais, junto aos agentes indígenas de saúde; assim, ele teve que ser flexível diante dessa nova realidade, tendo que ouvir sobre os costumes e crenças para se adaptar e promover uma relação de confiança com seu objeto de estudo, no caso, os indígenas daquela aldeia.

Prosseguindo, a coleta de dados envolveu desde a entrevista, visitas domiciliares, avaliação de documentos e por fim a observação participante, que serviu como fonte de conhecimento real da comunidade, uma vez que aproximou o pesquisador da realidade estudada, tornando-o em alguns momentos personagem da mesma, aumentando o seu comprometimento. A seguir, Haverroth²¹ teve cuidado especial em categorizar seus dados de acordo com seus estudos teóricos e obteve resultados satisfatórios, devido à forma bastante receptiva como a comunidade o recebeu, além da empatia mútua atribuída à confiança conquistada pelo pesquisador.

OS PRESSUPOSTOS

Considerando o exposto, é preciso destacar os pressupostos dos principais pesquisadores^{2,4,8,11,13,14,20,22} que abordam o método da observação participante, conforme mostra a Figura 1.

Pesquisadores	Pressupostos
Haguette ²	A observação participante representa um processo de interação da teoria com métodos dirigidos pelo pesquisador na busca de conhecimento não só da perspectiva humana como na própria sociedade.
Mazzotti e Gewandsznajder ⁴	Na observação participante, o pesquisador se torna ponte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela determinada situação, valorizando assim o instrumental humano.
Richardson ⁸	Na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado. Ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado.
Chizzotti ¹¹	A observação participante visa a uma descrição <i>finis</i> dos componentes de uma situação, experienciado e compreendendo a dinâmica dos atos e eventos e a recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos.
Minayo ¹²	Observação participante é definida como um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica, na qual o observador está em relação face a face com os observados. Ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados e se torna parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este.
Malinowski ¹³	O trabalho de campo mediante observação participante, deve ser, preferencialmente feito em um grupo social com dimensões reduzidas bem diferentes daquele ao qual pertence o investigador. Nesta metodologia, o observador deve situar os dizeres dos atores em relação a <i>comportamentos integrais</i> . O pesquisador deve deixar seus <i>nativos</i> falarem e no uso de fontes textuais deve lidar com o que já foi dito.
Schutz ¹⁴	O campo de observação do cientista social quer dizer a realidade social, que tem um significado específico e uma estrutura de relevância para os seres humanos que vivem, agem e pensam dentro dessa realidade.
Schwartz e Schwartz ²⁰	A observação participante não é só um instrumento de captação de dados, mas também é um instrumento de modificação do meio pesquisado, ou seja, de mudança social.
Cicourel ²²	O observador científico necessita de uma teoria que forneça um modelo do ator, o que está orientado para agir num meio de objetos com características atribuídas ao senso comum. O observador precisa distinguir as racionalidades científicas que usa para ordenar sua teoria e seus resultados, das racionalidades do senso comum que atribui aos atores estudados.

FIGURA 1: Pressupostos do método Observação Participante segundo alguns autores.

Há evidências nos referidos pressupostos de que a observação participante incorpora por sua natureza uma interação clara e explícita com o campo de investigação. Nesse entendimento, pesquisador e sujeitos da pesquisa estão em contínua e mútua transformação. Visto sob essa perspectiva, há limitações no método da pretensa criação do ambiente natural. Por outro lado, tanto o sujeito da pesquisa e pesquisador como o problema da investigação são afetados pela circularidade do método.

ALCANCE E LIMITE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Esse tipo de observação, por ser um método qualitativo de investigação, é alvo de críticas positivas e negativas²²⁻²⁴. Um ponto positivo é a possibilidade de obter a informação no momento em que ocorre o fato na presença do observador. Além disso, é o meio mais direto de se estudar uma ampla variedade de fenômenos, e grande maioria dos aspectos do comportamento humano só podem ser estudados satisfatoriamente mediante observação⁸. Outro aspecto positivo é que esse método de coleta de dados é o que exige menos dos sujeitos objeto de estudo. A observação também comprova ou não os relatos dos sujeitos, porque nem sempre o que eles falam é o que demonstram em seus comportamentos⁷.

Quando os pesquisadores da área da saúde se utilizam dessa técnica de coleta de dados, eles imergem na realidade do objeto de estudo. Imergir na realidade é essencial, no entanto, deve-se dominar, ao mesmo tempo, o instrumental teórico²³. Uma atitude de observador científico consiste em colocar-se sob o ponto de vista do grupo pesquisado, com respeito, empatia e inserção o mais íntima possível. Significa abertura para o grupo, sensibilidade para sua lógica e sua cultura, lembrando-se de que a interação social faz parte da condição e da situação de pesquisa.

Embora o método possua todas essas vantagens e traga muitos benefícios à comunidade científica, a observação participante incorre em risco de imersão total em outra realidade que não a do pesquisador. Esse perigo é frequentemente relatado por muitos pesquisadores e pode significar deformações subjetivas da realidade estudada. Isso ocorre porque existem as modalidades de observador-como-participante, nas quais o tempo de contato com o grupo é curto e superficial; a de observador-total, em que o pesquisador omite interação direta com os informantes e o grupo não sabe que está sendo observado; e a modalidade

de participante-como-observador, aliás, a que mais propicia o envolvimento do pesquisador com o grupo pesquisado, que poderá alterar os objetivos, não chegando a alcançá-los, pelo fato de a participação do pesquisador ser mais profunda².

A desvantagem aqui expressa, todavia, não constitui problema na pesquisa qualitativa, considerando seus pressupostos e características.

Ante o exposto, pode-se dizer que a observação participante difere das outras formas de coleta de dados porque registra de forma qualitativa a realidade estudada em diários de campo, sendo aí a memória a principal aliada. Os observadores participantes se inserem na situação de pesquisa e na vida das pessoas que estudam e, embora nas notas de campo os nomes sejam fictícios, os sujeitos da pesquisa são reais e se conhecem uns aos outros. Essa técnica é utilizada para estudar fenômenos que ocorram naturalmente e os observadores não manipulam tratamentos estatísticos de dados nem distribuem pessoas aleatoriamente por situações, mas ocasionalmente tentam fazer análises causais²⁵.

Assim, a importância atribuída a esse tipo de observação está relacionada à valorização desse instrumento humano, razão pela qual se pode assinalar que o observador participante deve aprender a usar sua pessoa como principal e mais confiável instrumento de observação, seleção, coordenação e interpretação²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que ficou patente na exposição, percebe-se que o método de observação participante tem grande valor no meio acadêmico-científico, principalmente quando se trata de aplicação de pesquisas qualitativas na área da saúde. Isso porque contribui com as investigações, proporcionando uma visão ampla e detalhada de uma realidade, resultante da interação do pesquisador com o meio, podendo servir de base para o planejamento de estratégias para o desenvolvimento sustentável da comunidade em estudo.

É consenso entre os autores¹⁻²⁶ abordados neste estudo que, concomitante com outros métodos, a observação participante permite a reafirmação de fatos, facilitada pela vivência de situações específicas. O pesquisador sente intensamente as dificuldades e as facilidades das situações vivenciadas, inclusive as adaptações necessárias para compreender o campo de interrogativas, fruto de novas inquietações surgentes à medida que passa por essas vivências²³. Embora o método tenha recebido críticas e acolhi-

do complementações metodológicas ao longo de sua existência, seus pressupostos ainda se mantêm desde o início de sua aplicação¹².

Vale ressaltar que não se trata de uma observação simples, utilizada no dia-a-dia. É uma técnica de observação sistemática, com arrimo em princípios teórico-filosóficos, que propicia a participação mais intensa possível do pesquisador nas vivências dos grupos e acontecimentos julgados importantes para melhor compreendê-los.

REFERÊNCIAS

1. Corbishley ACM, Carneiro MLM. Considerações sobre o uso da observação participante na pesquisa em enfermagem. *Rev Min Enf.* 2001;5(1/2):82-5.
2. Haguette MTE. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis (RJ):Vozes;1987.
3. Santos SR. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica. *J Ped.* 1999; 75(6):401 – 6.
4. Mazzotti AJA, Gewandsznajder F. O método nas ciências naturais e sociais. São Paulo: Pioneiras; 1998.
5. Rudio FV. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis (RJ):Vozes;1986.
6. Barros AJP, Leheld NAS. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis (RJ):Vozes;1994.
7. Lobiondo-Wood G, Haber J. Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;2001.
8. Richardson RJ. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo:Atlas;1999.
9. Galante AC, Aranha JA, Beraldo L, Pelá TR. A vinheta como estratégia de coleta de dados de pesquisa em enfermagem. *Rev Latino-am Enfermagem.* 2003; 11(3):357–63.
10. Krainovich-Miller B. Revisão de literatura. In: Lobiondo-Wood G, Haber J. Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;2001.
11. Chizzotti A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez;1995.
12. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco; 2004.
13. Malinowski B. Uma teoria científica da cultura. São Paulo: Zahar;1975.
14. Schutz A. Quality and the social meaning structure. In: Schutz A. *Collected Papers: Studies in social theory.* vol. 2. The Hague: Martinus Nijhoff; 1976.
15. Morin E. Complexidade e ética da solidariedade. In: Castro G, Carvalho EA, Almeida MC. *Ensaio da complexidade.* Porto Alegre (RS): Sulina;1997.
16. Beto Frei. Indeterminação e complementariedade. In: Castro G, Carvalho EA, Almeida MC. *Ensaio da complexidade.* Porto Alegre (RS): Sulina;1997.
17. Brandão CR. Pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense;1981.
18. Ross DD, Kyle DW. Qualitative inquiry: a review and analysis. Encontro Anual da Associação Americana de Pesquisa em Educação; January 6-7; Washington, D.C. 1982. Washington (DC):AAER;1982.
19. Milles MB, Huberman MA. Qualitative data analysis: a source book of new methods. Londres (UK): Sage Publications;1984.
20. Schwartz MS, Schwartz CG. Problems in participant observation. *Amer J Sociol.* 1955;60:343-54.
21. Haverroth M. O contexto cultural das doenças diarreicas entre os Wari, Estado de Rondônia, Brasil: interfaces entre antropologia e saúde pública [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Oswaldo Cruz;2004.
22. Cicourel A. Method and measurement in sociology. 4ªed. New York (USA): The Free Press;1964.
23. Kidder LH. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo:EPU;1987.
24. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo:Atlas;1999.
25. Víctora CG, Knauth DR, Hassen MNA. Técnicas de pesquisa. In: Víctora CG, Knauth DR, Hassen MNA. *Pesquisa qualitativa em saúde.* Porto Alegre (RS):Tomo Editorial;2000.
26. Corbishley ACM, Carneiro MLM. Considerações sobre o uso da observação participante na pesquisa em enfermagem. *Rev Mineira Enferm.* 2001;5(1/2): 82–5.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EN LA INVESTIGACIÓN CUALITATIVA: CONCEPTOS Y APLICACIONES EN EL ÁREA DE LA SALUD

RESUMEN: Para entender la aplicación del método de observación participante en las investigaciones en salud, fue cumplida una revisión bibliográfica sistemática y crítica de las literaturas especializadas y publicadas sobre el tema, enfocando líneas de confrontación de pensamiento. Como resultado de este esfuerzo, se concluye que la observación participante es un instrumento importante para la construcción del conocimiento en las investigaciones en salud, principalmente en la comunidad.

Palabras Clave: Observación participante; salud; investigación cualitativa; revisión sistemática.

Recebido em: 12.09.2005

Aprovado em: 24.05.2007

Notas

*Mestranda Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará- Rua Barbosa de Freitas, 1111, ap. 402. CEP: 60.170-020. Fortaleza-Ceará.Brasil. E-mail: dteixeiraqueiroz@yahoo.com.br.

**Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará - Rua Pereira Valente, 640, ap. 1902. CEP: 60.160-250. Fortaleza-Ceará. Brasil. E-mail: janaina_vall@yahoo.com.br

***Doutora em Enfermagem Comunitária e Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFC. Rua Alexandre Baraúna, 1115, sala 9. Rodolfo Teófilo-Fortaleza-Ceará. Brasil. E-mail: amas@ufc.br.

****Doutora em Enfermagem e Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFC. Rua Alexandre Baraúna, 1115, sala 9. Rodolfo Teófilo - Fortaleza-Ceará. Brasil.